



Recebido em 16/12/2019

Aprovado em 16/03/2020

DOI: 10.26512/emtempos.v1i36.30426

DOSSIÊ

Congo, Congado, Congadas: tradição cultural afro-brasileira de resistência ao racismo e discriminação e os tempos de diásporas e escravidão

Congo, Congado, Congadas:
Afro-Brazilian cultural tradition of resistance to racism and
discrimination and the times of diasporas and slavery

Jeremias Brasileiro da Silva

Doutor em História Social pela UFU

jeremiasbrasileiro59@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo está inserido no campo da história social, com viés para as manifestações culturais associadas ao Congo, ao Congado e às Congadas. Objetiva-se desse modo, problematizar questões inerentes à essa prática, sem desconsiderar nessas discussões, o processo histórico no qual estão envolvidos os sujeitos que são protagonistas desse fazer e viver sociocultural. A problemática central está em refletir sobre a permanência do racismo na cidade de Uberlândia, que perpassa pelas relações sociais, culturais e religiosas, nas relações de lazer, de trabalho e de poder. Entre as documentações de suporte ao texto, destacam-se estatutos e atas de irmandades religiosas, jornais de época e outras fontes provenientes de relatos orais. Nesse aspecto, faz-se uso de aportes teóricos que contribuem para pensar sobre representações, temporalidades, resistências e memórias. A temática proposta, de igual modo, perpassa pela compreensão das noções de identidades e suas complexidades, procura estabelecer uma relação entre as táticas de vivências, como estratégias de enfrentamento ao racismo, por meio da manifestação cultural e religiosa nos tempos da festa da Congada, quando as práticas racistas surgem de maneira mais acentuada e explícita. Trata-se igualmente essa abordagem, de pensar a ancestralidade, conectada ao presente, um passado que se funde à contemporaneidade e aponta caminhos para o futuro, e, desse modo, ver essa manifestação afro-brasileira de descendência africana, como presença histórica, social e cultural na cidade de Uberlândia e em muitas regiões do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Congadas. Racismo. Escravidão.

ABSTRACT: This article is inserted in the field of social history, with a bias towards the cultural manifestations associated with Congo, Congado and Congadas. In this way, the objective is to problematize issues inherent to this practice, without disregarding in these discussions, the historical process in which the subjects who are protagonists of this socio-cultural doing and living are involved. The central problem is to reflect on the permanence of racism in the city of Uberlândia, which permeates social, cultural and religious relations, in the relations of leisure, work and power. Among the supporting documentation for the text, statutes and minutes of religious brotherhoods, period newspapers and other sources from oral reports stand out. In this regard, theoretical

contributions are used that contribute to thinking about representations, temporalities, resistances and memories. The proposed theme, likewise, permeates the understanding of the notions of identities and their complexities, seeks to establish a relationship between the tactics of experiences, as strategies to confront racism, through cultural and religious manifestation in the times of the Congada party, when racist practices emerge in a more accentuated and explicit way. This approach is also about thinking about ancestry, connected to the present, a past that merges with contemporary times and points out ways for the future, and, in this way, seeing this Afro-Brazilian manifestation of African descent, as a historical, social presence and cultural in the city of Uberlândia and in many regions of Brazil.

KEYWORDS: Congadas. Racism. Slavery.

Introdução

Contar sumariamente a trajetória que deu origem a esse artigo é importante, pois ilustra uma perspectiva de pesquisa¹, realizada ao longo de uma determinada temporalidade. É de igual modo um reconhecimento da luta de meus pais, tios, avós, bisavós, tataravós e das famílias quilombolas descendentes de Ambrósio, do Alto Paranaíba, região de Minas Gerais, de onde descende esse meu tronco familiar de ancestralidade africana. Todo esse arcabouço de experiências, de vivências, de estudos, obtenção de documentos diversos, seletividade de fontes, possibilitou-me a maturidade necessária para refletir sobre uma permanência de estratégias de enfrentamento do racismo impregnado em várias regiões do Brasil, detentoras no século XXI, da manifestação cultural e religiosa do Congado (a), da qual, a cidade de Uberlândia, no Triângulo Mineiro das Minas Gerais, é parte intrínseca.

Antes, porém, é necessário definir conceitualmente, ainda que de forma breve, o que vem a ser Congo, Congado e Congadas. Entende-se a terminologia Congo como aquela capaz de suscitar, revivificar, de redimensionar no presente, uma memória de antepassados, uma memória cultural proveniente dos povos Bantos oriundos de algumas regiões do antigo Reino do Congo, entre as quais situavam a província de Angola e outros reinos com seus reis e rainhas. Daí porque ao reviverem essa memória cultural, os escravizados instituem no Brasil não a concepção de reinos, mas de várias formas de reinados celebrados por meio de embaixadas, que na literatura serão mais conhecidos por meio de danças dramáticas ou Congadas.

Quanto a um dos conceitos de Congadas utilizado em larga medida pelos próprios sujeitos dessa prática social, é uma conceituação associada às lembranças de reinados africanos por meio de festejos, festas, festividades, incluindo as procissões, coroações, desfiles de apresentações de grupos, guardas, bandas e outras várias denominações; novenas, novenários, missas campais, almoços coletivos e várias outras atividades ligadas ao contexto da festa. Quanto à expressão Congado, é compreendida como uma prática de organização sociocultural cotidiana dos grupos, uma manifestação social que acontece no decorrer do ano, independentemente da data em que se realiza os festejos.

¹ Trata-se de uma pesquisa de longa duração, concluída em tempo factual de doutoramento sob a orientação do Professor Doutor Newton Dângelo. A tese foi desenvolvida entre os anos de 2015 e 2019.

Desse modo, identifica-se igualmente em um mesmo objeto com nomenclaturas diferenciadas, formas distintas de representações. O Congo como lugares de memórias alicerçadas em um passado distante, de antepassados, de ancestralidades; a Congada, como lugar de cultura popular por meio das manifestações festivas, religiosas, culturais, uma tradição em permanente transformação, e, o Congado, enquanto lugar de experiências socioculturais cotidianas.

Nosso interesse é colocar, do ponto de vista acadêmico, uma leitura de vivência, uma experiência de vida, experiência essa que é atravessada por muitos preconceitos, mas que tem a ver com a importância de mostrar para a sociedade, que a academia pode contribuir com as mudanças de mentalidades, quando se propõe a realizar uma releitura do passado conectada com o presente. Nesse caso, procura-se fortalecer esse olhar de protagonismo das manifestações culturais. É por esse motivo, uma escrita para todos aqueles que se interessam em conhecer as resistências diaspóricas dos escravizados e seus descendentes após as travessias pelo atlântico.

A resistência contínua atravessou os séculos com os libertos pós-escravidão e seus descendentes. Pensar como são processadas historicamente as mudanças, as transformações, no interior das manifestações culturais e religiosas, contribui para que a reflexão crítica não se transforme em um critério de julgamento, pois os atores sociais podem recorrer-se, e fazer uso, a depender da época, de uma forma de manter a tradição que a princípio pode parecer diferente daquela usual, entretanto, incorporações são perceptíveis e o que “o historiador precisa examinar é a lógica subjacente a essas apropriações e combinações, os motivos dessas opções” (BURKE, 2000, P.264). Não é possível dialogar com esses modos de fazer sociocultural a partir de um olhar institucionalmente hierarquizado, teoricamente pré-concebido.

Processo de pesquisa

Era mês de novembro do ano de 1974, quando com uma mala cheia de sonhos, em Uberlândia desembarquei. À noite ouvia à distância, o som de caixas que estranhamente faziam com que eu pensasse tratar-se de ensaios com vistas ao carnaval de fevereiro, uma vez que eram sons agudos e acelerados, e por esse motivo, não poderia imaginar naquele momento, que fossem grupos de Congado, preparando-se para a festa que iria acontecer no segundo domingo do mês de novembro. Minha primeira sensação, foi de total estranhamento, eram ritmos que em nada lembravam aqueles com os quais eu estava acostumado, e também dançava, no Reinado do Rosário, na minha cidade natal, Rio Paranaíba, no Alto Paranaíba, em Minas Gerais. Talvez, sem perceber, a sensação de estranhamento estivesse associada ao ressoar daqueles tambores, que já me convocavam para batalhas, na cidade de concreto.

Durante as décadas de 1980 e 1990, me aproximei vagarosamente de alguns Congadeiros, principalmente de pessoas idosas, e ao mesmo tempo, procurava algumas informações sobre a festa, arrisquei inclusive, uns tímidos poemas para falar da manifestação. Não foi, contudo, uma aproximação fácil, as pessoas me recebiam com desconfiança, me perguntavam de qual grupo eu era, a qual casa de Umbanda eu pertencia, e eu não compreendia nada daquilo. Mais tarde, descobri o motivo dessas

inquietações com a minha presença, as pessoas não gostavam de passar dados, fotos, com receio de que eu fosse usar para outros fins, e, principalmente, de maneira espiritual para desarranjar o grupo ao qual pertenciam.

Nesse interim, tive a felicidade de conhecer primeiramente, as guardiãs dos saberes e memórias ancestrais dessa cultura afro-brasileira Congadeira. Uma delas, Dona Abadia, após meses de conversas, de idas e vindas, um belo dia retira de debaixo de sua cama uma caixa estilo baú que guardava várias fotos em preto e branco, fotos que remetiam à década de 1940, e, simplesmente me disse: - “leva pra você e guarda meu filho, sei que com você, elas vão estar seguras e vão ter destino certo”. Dona Abadia me confiou mais que imagens, socializou saberes, histórias e memórias do Congado (a), como a manifestar o desejo de que aquela tradição fosse contada, registrada e não se perdesse.

Próximo ao ano 2000, a convite da Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, fui convidado a participar de um encontro sobre patrimônio cultural em Recife, quando tive a oportunidade de apresentar as fotografias cedidas por Dona Abadia junto a um texto ainda inicial, sobre as Congadas de Minas Gerais. Era em uma mesa de debates composta por representantes de Portugal, São Tomé e Príncipe e Nova Iorque. Minha surpresa foi com as considerações de *Victor C.W. Dzidzienyo, Diretor, School Of Architecture An Computer Sciences*, questionando a Fundação Cultural Palmares, por qual razão não publicavam meu trabalho, visto que era a representação viva de um povo negro em Minas Gerais.

Foi nesse momento que resolvi fazer um supletivo, terminar o ensino médio e adentrar no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, na crença inocente de que finalmente ali, meu trabalho expandiria exponencialmente. De outro lado, já estava bem próximo do Congado (a), pesquisando, observando a festa, o tempo ao lado de Tio Cândido, o Comandante Geral, uma espécie de embaixador que recepcionava os grupos e suas bandeiras na Praça do Rosário. No Curso de História, contudo, não encontrei de início a receptividade pensada e praticamente escrevi minha Monografia sozinho. Paralelamente a isso, já possuía contatos com vários pesquisadores que refletiam sobre a festa da Congada em Uberlândia e me incomodava o fato de nenhum deles, pensar com maior profundidade, no racismo que permeava e permeia essa prática cultural na cidade.

Não foram raras as vezes que dialoguei, contribuí e inclusive coorientei alguns colegas pesquisadores nessa seara, entretanto, quando dizia que deviam falar sobre o racismo, o preconceito, a discriminação de forma mais direta, e não citando apenas casos contados como se fossem anedotas, recuavam, diziam que não queriam criar constrangimentos, ou que falar sobre o tema, poderia lhes trazer problemas futuros, ou seja, evitavam tocar no assunto por não lhes ser interessante. Naturalmente que essas recusas constantes, foram criando em mim a perspectiva de que eu deveria, de algum modo, enfrentar essa questão, mas não sabia por onde começar mesmo tendo a disposição vários documentos para problematizar.

Foi quando lembranças de tempos recentes, latejaram em minha mente. Uma delas foi estar em um ambiente cultural na Prefeitura de Uberlândia, quando alguém estava ouvindo uma música de um grupo de Congado e ouvi uma moça falar alto: -

“credo, desliga essa coisa de índio daí!” Nessa mesma época, ano de 2005, um colega me liga da Casa da Cultura de Uberlândia e diz-me que havia um material em uma caixa de papelão acondicionada no porão, escrito: “Movimento Negro/Congo”. Disse-me então, que a caixa poderia ir para descarte. Interessei-me, e, fiquei encantado com o que continha de documentos e entrevistas da década de 1980, com vários Congadeiros que já tinham falecido. Ao mesmo tempo, em outubro de 2005, por algum motivo, sou o escolhido como o Comandante da Festa da Congada de Uberlândia.

No ano de 2011, igualmente sou surpreendido com a morte de meu primo Abel Jerônimo, o Comandante Geral da Festa do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba, como disse, minha terra natal. Naquele instante, o ressoar dos tambores na infância, fizeram-se novamente presentes em mim. Não havia como recusar nova missão e dessa vez, herança de meus antepassados, era preciso continuar. Foi quando de igual modo, descobri que a teoria por si só, não dava conta do desafio que estava propenso a enfrentar.

Ao tornar-me Presidente da Irmandade do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba, inseri-me diretamente no interior das relações de poder, o convívio e as disputas com a Igreja, as reclamações e os temores dos lojistas da cidade, que em nome de um protecionismo comercial, não permitiam há décadas, a presença das comuns e conhecidas barracas existentes nas festas das Congadas de Minas Gerais. O deslocamento nesse aspecto foi abrupto, foi e continua sendo preciso fazer uso das ferramentas apreendidas nos estudos acadêmicos, juntamente com a experiência de vida, para fazer essas interlocuções que não são nada fáceis.

Por essa razão, o objetivo não é de falar ou de contar a história do Congado, de falar da festa da Congada, mas das situações criativas que vem ocorrendo nas últimas décadas, não que tenham deixado de acontecer em épocas antecedentes. Importa falar de protagonismos que garantem parte de uma existência extremamente dinâmica que essa população foi capaz de criar. Seja em função dos deslocamentos, seja em função de impedimentos dos mais variados, seja inclusive em decorrência do enfrentamento ao racismo, essa população criou, inventou, mesmo frente a todas essas circunstâncias adversas. É com essa vivência que se pretende dialogar, pois nesse cenário, o racismo está presente o tempo todo. Daí, a presença de um certo desconforto, sobre os pesquisadores que vão ou que foram para essa temática, mas não querem ou não quiseram fazer abordagens a respeito da existência do racismo que essa manifestação enfrenta na cidade e historicamente, no Brasil.

É difícil falar de Congado (a) na cidade sem observar esse processo histórico do racismo. E mais que isso, pensar em uma identidade Congadeira sem refletir nessa questão, é mais complexo ainda. Além disso, identidade é relacional, para achar as identidades desses sujeitos, ter-se-ia que encontrar todo esse povo Congadeiro na cidade, pois é temporal, e é marcada, escorregadia. Entretanto a questão aqui proposta é outra, é a de pensar no racismo que esses sujeitos viveram e vivem, e, que por algum motivo, ou vários, as produções anteriores não ousaram enfrentar explicitamente.

Com efeito, esse processo de pesquisa, tem seu viés na questão da cultura popular e junto a isso, a possibilidade de pensar o racismo a partir de uma expressão cultural específica que é o Congado (a). É um trabalho que está alinhavado a um

processo capaz de levar a compreender as questões identitárias dos participantes do Congado (a) na cidade de Uberlândia, os regimes de visibilidade que os praticantes dessa cultura, conseguem implementar, e, do como o racismo interfere e relaciona-se com esse processo.

A caridade aos pretos: Confraria do Perpétuo Socorro X Irmandade dos homens de Cor

Duas considerações são necessárias antes de iniciar a discussão proposta no tópico em tela. A primeira refere-se à Confraria do Perpétuo Socorro, cuja data de fundação ocorre no início dos anos de 1900. A segunda trata-se da Irmandade do Rosário dos Homens de Cor, criada no ano de 1916. Com o surgimento da Irmandade dos Homens de Cor, a população de homens e mulheres negros(as) tomam conta da Igreja do Rosário, destituindo a Confraria dos brancos, que detinha a chave da referida igreja. Esse conflito levou à uma separação de festas na cidade. Contudo, a Confraria do Perpétuo Socorro deixa de existir na década de 1940, quando ocorre a demolição da paróquia de Nossa Senhora do Carmo.

Constituída por senhoras da sociedade, a confraria do Perpétuo Socorro atuou por vários anos junto a Igreja do Rosário e na realização da festa à Nossa Senhora do Rosário, sendo que o surgimento da Irmandade dos “homens de cor” em 1916, vai produzir uma ruptura institucional. As mulheres associadas à Confraria passaram a realizar a festa da Virgem do Rosário em outubro, fazendo com que os negros ficassem com suas louvações no mês de novembro. Mesmo após a demolição da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, e a migração dessas mulheres para a Catedral de Santa Terezinha, continuaram por alguns anos a realizar a festa no mês de outubro, período que abrangeu os inícios dos anos de 1910 até por volta dos anos de 1937, conforme é possível extrair das documentações e de alguns fragmentos de atas dessa Confraria, essencialmente feminina².

Os estereótipos produzidos a respeito dos negros do rosário e expostos em documentos revelam a presença racista e preconceituosa em relação à festa da Congada, o que na realidade, permite dizer da invisibilidade dos atores sociais e suas oralidades. Oficialmente, a construção da Igreja do Rosário, como sendo uma benevolência das elites de época; discurso esse hierarquizado em que o outro (negro) tem o seu lugar definido na religião (festa de pretos) e social (caridade, falta de bons modos, atrasado) e racial (bagunça, algazarra, carnavalesco).

Esse breve itinerário antes exposto inicia-se com o advento do surgimento da Irmandade do Rosário de Uberlândia, cuja nomenclatura à época era “dos homens de

² Expressões como: “todas as chefes e associadas”; “reunião mensal das chefes do rosário”, inscritas em ata - folha 201, de 03 de maio de 1931, indicam essa presença feminina, bem como a identificação em ata de 05 de agosto de 1910, elencando o nome de 05 mulheres responsáveis pela condução da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. **Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.** Outubro de 1931 e agosto de 1910, respectivamente. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

cor”. Por razões desconhecidas – que se entende como racistas – a Confraria do Perpétuo Socorro, integrada por personalidades da elite local em todos os âmbitos sociais, não se sentia confortável em comemorar os festejos de Nossa Senhora do Rosário no mês de outubro, concomitantemente à festa da Congada em louvor à mesma santa. O embaraço ao que parece, foi resolvido de forma discriminatória, com a realização de duas festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.

O desnovelamento desse episódio se dará com a instituição a partir do ano de 1917 dessas duas festas envolvendo a presença da população negra na cidade de Uberlândia; a da Confraria formada por grupos sociais da elite, no mês de outubro e da recém-criada Irmandade dos homens de Cor, no segundo domingo do mês de novembro. Ficava desde já explicitado que a mudança de calendário estava associada ao surgimento da Irmandade do Rosário e que a sua presença e atuação, por algum motivo, não era bem vinda ao círculo social religioso na cidade de Uberlândia. Esse meio social determinava o ciclo das manifestações que estavam vinculadas a Igreja Católica e por questões diversas, dentre elas as racistas, instituíram que a festa de Nossa Senhora do Rosário realizada no mês de outubro, a partir de 1917 seria de competência da Confraria do Perpétuo Socorro, enquanto a dos homens de cor da Irmandade do Rosário ficaria para o segundo domingo do mês de novembro.

A continuidade do racismo toma contornos tão amplos que se tornam inclusive socializados, quando registrados em documentos oficiais. São evidências, no primeiro instante, esse processo de designação do “outro” a necessitar de orientação das pessoas cultas – elite intelectual e religiosa – para ser capaz de vivenciar a fé, que a depender do entendimento transcrito em ata da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, os Congadeiros eram capazes de sentir:

Avisou-nos também o Sr. Cônego Diretor, da próxima festa de Nossa Senhora do Rozário - intitulada festa dos pretos - a realizar-se no dia 14 próximo (novembro de 1931) que fazia questão da cooperação da Irmandade (Confraria), não só por ser a homenageada Nossa Senhora do Rozário, como também em sentido de bom exemplo e caridade aos pretos. (Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. Outubro de 1931. Acervo Digital,,,,,,).

Essa transcrição de narrativa aponta de imediato para três reflexões singulares. A primeira decorre da citação que evoca diretamente a figura do Cônego Diretor como o interlocutor ativo, que repassa as informações já de antemão reveladoras de preconceitos em relação à festa dos Congadeiros; a segunda é a exigência de cooperação da Confraria do Perpétuo Socorro, de perfil elitizado, junto àquela que é designada discriminatoriamente como a festa dos pretos, a festa dos outros, daqueles que pertencem a outra escala racial, social e religiosa; por fim, o escopo de missão caritativa que o senhor Cônego Diretor destina às associadas da referida Confraria, é subliminar enquanto evidência da presença real do patriarcalismo, em sintonia com a hierarquia eclesiástica católica.

O aparentemente caridoso, indulgente, nesse contexto, é aquele que se sente confortavelmente na condição de superior, travestido numa suposta superioridade essa não só política, econômica, bem como religiosa e moral. Tratamento diferenciado que legitima a condição social das pessoas e ao mesmo tempo institucionaliza do ponto de vista religioso, o lugar a ser ocupado pelos negros nessas relações que envolviam os festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.

É possível diante dessas análises, considerar que tal deslocamento resultou na realização de duas festas diferentes em homenagem a mesma santa, ocasionado especialmente, em consequência do surgimento da Irmandade do Rosário. Na década de 1950, até a década de 1960, se a discriminação racial era, em alguns momentos, explícita na cidade, separando negros de brancos em passeios, clubes e cinemas, não é nenhum equívoco supor que na década de 1930, essa separação, igualmente tenha contaminado as festividades religiosas.

Nessa abordagem fica implícito, que o se verifica não são apenas rastros, indícios conforme sugere Carlo Ginzburg (1989), mais que isso, trata-se de um conjunto de elementos a evidenciar tal sistemática racista, relatada pelas pessoas que a reproduzem, não sendo, por esse viés, algo percebido pelos testemunhos, muitas das vezes desqualificados e tratados como discursos de vitimizados. Importante, porém, nesse contexto, é notar que as documentações são produzidas por aqueles que possuem os meios de fazê-los e registrá-los.

Dessa maneira, a voz dos protagonistas por muitas vezes continua sendo colocada em dúvidas, como se não passassem de imaginários construídos, não sendo ainda para alguns pesquisadores, relevantes enquanto registro histórico. De há muito, o pesquisador Antônio Cândido também já afirmava que a “História se ocupa do que ficou documentado, e a documentação se refere geralmente à vida das camadas dominantes (CÂNDIDO, 2010, p.22).”

Nesse caso em específico, os relatos são oriundos de escritas que revelam a discriminação e não dos sujeitos discriminados. O teor das falas que ao ser escrituradas, mesmo que passem por um filtro depurativo, são sintomáticas do olhar carregado de preconceitos em relação aos homens e mulheres negros (as) Congadeiros(as), como se constata em outro fragmento de ata: “convidou-nos (Cônego Diretor) para acompanharmos a procissão e manter ordem e respeito, o que não observam os homens de cor quando fazem dansas, confundindo festa religiosa com folguedos carnavalescos³”. Essa estigmatização vai acompanhar os indivíduos negros por décadas afora.

Esse fragmento de ata permite perceber o olhar preconceituoso demonstrado pela elite intelectual e religiosa – não tão diferente de agora, séculos XX e XXI – sobre a cultura praticada e vivenciada pelos negros na cidade, destacando que os Congadeiros realmente não estavam em sintonia com os ritos cristãos devocionais católicos, mais que isso, pouco adeptos à disciplina exigida para tal ocasião festiva.

³ Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. Outubro de 1931. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro.

Talvez por isso, a necessidade de dar bons exemplos a esses homens de cor considerados ignorantes:

Falou-nos [Cônego Diretor] do novenário a Nossa Senhora e São Benedito, festa tradicional dos homens de côr da nossa cidade, pedindo-nos comparecimento às novenas, à missa cantada e a procissão em homenagem a Nossa Senhora, homenagem esta a que não devemos fugir, mesmo para dar exemplo às pessoas mais rudes e afastadas. (Atas da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo. Outubro de 1931. Acervo Digital,,,,,,).

Parece que dar exemplo de moral, de bons costumes é algo inerente aos associados da Confraria do Perpétuo Socorro, deixando claro o comportamento inadequado dos sujeitos negros, que mesmo pertencentes à Igreja do Rosário, não são pessoas civilizadas. De outro lado poderia até ser causa de estranhamento – não fosse o preconceito arraigado nessa Confraria – o fato de pessoas esclarecidas, escolarizadas, cultivar esse conceito de desqualificação sem o menor constrangimento, sendo associadas a uma confraria cuja santa, Nossa Senhora do Carmo, era (e é) justamente a padroeira da cidade de Uberlândia.

A constatação que possivelmente fica, é a de que principalmente os homens e mulheres negros(as), continuavam sendo vistos no imaginário social, como gente bruta, incapaz de adaptar-se às normas pré-estabelecidas, e conseqüentemente por isso, viviam afastados de uma dada fé. Modelo de tratamento peculiar destinados aos escravizados considerados pagãos, destituídos, portanto, de sentimentos, de sensibilidades.

A caridade aos pretos nesse sentido tem uma dimensão diferente daquela comumente pensada como ajuda social. Não há menções à pobreza material, por exemplo, ser caridoso é dar exemplo por meio de atitudes e de etiquetas de bons comportamentos. É tratar esses sujeitos históricos como meninos pouco afeitos a cumprir regras de cunho religioso e social. Caridade assume por esse viés uma espécie de condescendência, pois, são pessoas que por possuir atributos tão folclóricos e primitivos, “rudes, afastados”, chegam a ser dignos de pena e o “dar exemplo” se torna corretivo moral, uma vez que quem não possui educação, precisa de exemplos para se orientar.

Criar noções negativas, independente da época, sobre um grupo social: homens e mulheres de cor, rudes, pretos necessitados de caridade, afastados da fé, é mais do que naturalizar preconceitos, normatizar atitudes racistas, é fixar no outro a identidade do que o separa da sociedade culta, é hierarquizar as relações a partir do instante que esse negro é associado a uma identidade que se diferencia de uma outra, supostamente – inteligente – pela perspectiva do atraso.

Emblemático é refletir sobre essa condição hierárquica religiosa e preconceituosa, proveniente de uma Confraria feminina, no interior do Brasil, o que em certo sentido pressupõe pensar na probabilidade – ou mais enfaticamente

afirmando – existência de um racismo alicerçado na sociedade como um todo, e consequentemente, nesse contexto, compartilhado e difundido igualmente por esse grupo social da elite religiosa, cultural e política da cidade.

Um autor que ajuda a pensar nessa relação hierárquica desigual é Carlo Ginzburg ao afirmar que admitir costumes de outros com valores diferentes dos nossos soa como ato obrigatório, mas que, no entanto, fazer dessa aceitação algo permanente seria intolerável e conclui com uma indagação: “temos o direito de impor as nossas leis, os nossos costumes e os nossos valores a indivíduos provenientes de outras culturas? (GINZBURG, 2002, p. 14). É sintomático como a cultura do “outro” necessita estar regulamentada e bem comportada, para merecer algum tipo de reconhecimento público, por conseguir manter a ordem pública, e não pelo respeito à manifestação; isso é publicizado pelo Jornal Correio de Uberlândia no ano de 1944:

Realizou-se domingo último [10 de novembro de 1944] com grande assistência, a festa de Nossa Senhora do Rosário, promovida pelos homens de cor de Uberlândia. O programa organizado a capricho pelos festeiros deste ano, Srs. Ezequiel Monteiro, Alceu Medeiros e Sras. Alzira Monteiro e Gumercinda de Jesus, foi inteiramente cumprido, encerrando as solenidades, uma grande procissão de Nossa Senhora do Rosário, da qual fazia parte a tradicional congada, que antes, desde cedo, vinha percorrendo as ruas da cidade, vestidos a caráter e cantando bonitas melodias de origem africana. A comissão organizadora da congada, que ainda no dia de ontem percorreu a cidade em visita às autoridades e jornais, recebeu, na pessoa de seu presidente, Sr. Elias F. do Nascimento, muitos cumprimentos pelo bom gosto, ordem e respeito havidos em todas as festividades. (Jornal CORREIO DE UBERLÂNDIA, 14/11/1944).

Os elogios pela realização da festa dentro da ordem e do respeito parece pressupor que a expectativa era de desordem, de balbúrdia, não se reconhece a festa e sim a possibilidade de que esse acontecimento ocorresse sem causar transtornos pelas ruas da cidade, uma forma metafórica de dizer, “parabéns, vocês comportaram direitinho”. Dessa maneira é que uma parte da elite social racista se forma, por meio da imprensa, do poder público e da Igreja, expressado por meio da Confraria do Perpétuo Socorro da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.

A recorrência de tais atos discriminatórios é subliminarmente evidenciada não só nas atas da Confraria do Perpétuo Socorro. Esses atos são uma prática social cotidiana e institucionalizada, cuja realidade transcende o próprio imaginário cultural. Um evento ocorrido em homenagem ao dia 13 de maio para celebrar a data de Abolição da escravidão, reforça a presença da discriminação racial na cidade e a dificuldade de negação desse sentimento, que se materializa nas páginas do Jornal Correio de Uberlândia:

Revestiram-se de grande entusiasmo e não pequeno brilho as festas realizadas, pelos homens de cor de Uberlândia para comemoração da grande data nacional – 13 de maio – dia da libertação dos escravos. O Clube José do Patrocínio realizou imponente e bonita passeata pelas

principais avenidas e ruas da cidade levando em rico e bem ornamentado andor, conduzido por moças, o retrato da Princesa Isabel (...) Dentro de um espírito cívico verdadeiramente notável, as comemorações do 13 de maio em Uberlândia serviram também para demonstrar o alto grau de confraternização existente entre os homens de cor e os seus irmãos brancos, estando sendo extintos, cada vez mais, os preconceitos de cor e raça por ventura ainda existentes em nosso adiantado meio. (Jornal CORREIO DE UBERLÂNDIA, 16/05/1953).

Mesmo que haja tentativa de suavizar a questão racial, percebe-se o quanto essa preocupação é presente no convívio social, em que pese o esforço discursivo do articulista ao apontar para uma conciliação entre “homens de cor” e os “seus irmãos brancos”. Como é possível que um grupo social que pauta seu discurso a favor do progresso, do desenvolvimento, consiga ao mesmo tempo manter práticas segregacionistas quase análogas àquelas do tempo oficial de escravização?

O cenário de início descrito acima, converge para a representação de Princesa Isabel – a redentora dos negros escravizados – tendo sua imagem fotográfica assentada em um andor conduzido por moças negras, como em uma associação aos andores usados nas procissões das congadas com santos devocionais ou das liteiras em que senhores e sinhás eram transportados pelos seus subalternos escravizados. Há, porém, um interstício quando ocorrem dois grandes bailes organizados por grupos de movimentos negros, o Clube José do Patrocínio e o Clube Flor de Maio.

Fica evidente, a separação entre negros e brancos. O próprio articulista reconhece a continuidade da discriminação racial em um meio que se pressupunha, estaria em uma escala mais adiantada socialmente em relação aos “outros”, os “irmãos de cor”. Por isso, a perspectiva de estar cada vez mais próximo de extinguir-se os atos discriminatórios, “ainda porventura existentes” naquela sociedade progressista. Entretanto, outra matéria publicada no mesmo diário, e na mesma data reitera o que se considera luta ausente, protagonismo negado, aos praticantes do Congado que reagiram politicamente para não permitir que a praça e a Igreja do Rosário não sofressem modificações desejadas por um bispo, no ano de 1953:

Se a pracinha é da Igreja, parece que ela pode fazer um muro e a sua casa voltada para a Rua Barão de Camargos. Mas o terreno é por demais pequeno e a rua ficaria muito estreita, sendo já muito cheia de casas fora de alinhamento. Seria preferível então que a prefeitura olhasse o caso com a atenção que merece o pedido do Monsenhor Eduardo dos Santos, porque realmente a praça não pode ficar como está, servindo de centro para molecagens e desguarnecida como está na vizinhança da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Talvez um belo ajardinamento fosse a solução ideal. Não resta dúvida de que é a mais conveniente sob o ponto de vista público: enfeitaria a praça e a igreja colocada como está num logradouro interessante e necessário. Há também a ver o interesse da Igreja Católica em construir o seu prédio para a Ação Católica, mas para este, com a boa intervenção dos poderes competentes e do povo da cidade, se pode encontrar local mais adequado e mais vantajoso quanto ao espaço. (Jornal CORREIO DE UBERLÂNDIA, 16/05/1953).

O que se percebe a princípio é uma tentativa de transformação do espaço da Praça do Rosário para a construção de um edifício que abrigaria os padres da Igreja Católica, sendo que a matéria não expõe outras nuances, possivelmente verossímeis, a intenção de acabar com a realização da festa da Congada por motivações raciais. Nesse contexto, a luta para preservar a Praça do Rosário como patrimônio cultural afro-brasileiro, continuou por décadas e se “consolidou como memória viva em constante movimento” (SANTOS, 2017, p. 115).

A não condescendência romantizada desse processo se sustenta inclusive no trato das contradições que são inerentes à manifestação, permeada de conflitos e de memórias em disputas; o que será possível de ser verificado na discussão a seguir, em que a Irmandade do Rosário, passa por enfrentamentos junto a Igreja Católica e outra associação de São Benedito, bem como nas disputas de e (por) memórias referentes à Igreja do Rosário no ano de 1929. Por isso a importância de compreender outras movimentações e abordar minimamente que seja por meio de narrativas diversas, esses acontecimentos, na perspectiva de considerar outras versões a partir de história local.

A escravidão silenciada na cidade dos coronéis

Nossa proposta de reflexão encontra-se alinhavada a uma perspectiva de micro história na medida em que acompanha o raciocínio de Paul Ricoeur (2007), por ser essa narrativa capaz de privilegiar uma possibilidade de interações entre grupos de indivíduos e igualmente de familiares, pois como afirma o autor, “é nesse nível que se desenrolam negociações e conflitos e que se descobre a situação de incerteza que tal história evidencia. Além disso, não deixa de ler de baixo para cima as relações de poder que se dão em outra escala”. (RICOUER, 2007, p. 257).

Nos relatos dos sujeitos Congadeiros em tempos de festa, é possível interpretar uma forma de reivindicação que não perpassa propriamente pelo festejo em si, pois a vivência festiva não se traduz unicamente em uma época devocional. Ao contrário, a vivência de elementos do sagrado acompanham o cotidiano desses atores sociais, razão pela qual, na realidade, a festa sinaliza para um outro mundo e o mundo não é aquele que se presencia só na festa. Defendemos a noção de uma atmosfera social, igualmente marcada por um viver que se personifica-se no dia a dia, nas relações de poder, a demonstrar que a experiência identitária assume múltiplas formas.

As mudanças são inevitáveis, sendo assim, se novas identidades ao mesmo tempo são urdidas e com essas transformações, a ocorrer de modo acelerado na contemporaneidade, um pouco do pensamento de Reinhart Koselleck é significativo para a compreensão dessas inovações e, especialmente no contexto do campo simbólico ora em análise. É de Reinhart Koselleck, a definição de que as transformações modernas terminam por produzir novas experiências temporais, em que “tudo muda mais rapidamente do que se podia esperar até agora ou do que havia sido

experimentado antes” (KOSELLECK, 2014, p. 153). As transformações, contudo, seja em qual época for, provocam reações diversas e muitas outras formas de sensações.

Por esse viés entende-se que as identidades são forjadas, constituídas, redimensionadas no interior dos grupos sociais e encontram-se inevitavelmente associadas às permanências, ao decorrer das temporalidades e dos lugares em que esses grupos sociais estejam estabelecidos. Diante disso é que as lembranças, as memórias, as histórias, as vivências, surgem como suportes dessas identidades e dos diálogos tecido nas escolhas e posições cotidianas.

São situações relacionais cuja interatividade permite que a partir das lembranças do próprio passado e da fixação do vivido nele em tempo presente, as identidades tenham as suas permanências asseguradas em meio às transformações, que também são inerentes às práticas culturais, como acontece com a manifestação cultural e religiosa da Congada. Identidades e memórias não são objetos estáticos que podem ser perdidos ou encontrados, são categorias de vivências incorporadas ao cotidiano, presentes na vida religiosa, política, cultural e nas relações de poder historicamente silenciadas quando se trata da temática escravista.

Esse silenciamento está inevitavelmente impregnado de um processo histórico que caminha junto com a cidade desde a época da escravidão. Entre o passado escravista de (1885 – 1888), são identificados mais de cem casamentos de negros escravizados, em que aparecem seus padrinhos nos livros de tombos (registros) da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião do Uberabinha. Há que se considerar que, muitos, desses padrinhos, eram simplesmente os seus senhores. De tudo isso resulta outra observação, a de que a história que se pretende ser oficial negou ou omitiu a presença dos senhores de escravos na cidade de Uberlândia. Fala-se constantemente do desenvolvimento, do progresso, da cidade de Uberlândia, que surge com a visão de futuro e ao mesmo tempo, eis que na realidade, as famílias tradicionais e seus ascendentes familiares, eram em sua maioria, donos de escravizados.

Como é que se verifica isso? Justamente nos registros, nos quais constam os padrinhos com seus nomes, por serem os senhores dos negros escravizados, eram quem avalizavam essas relações matrimoniais. Os sobrenomes das referidas famílias, são as mesmas que são consideradas as fundadoras da cidade, conforme consta nesses registros que se encontram nos arquivos da Catedral de Santa Terezinha, compilados pelo memorialista Antônio Pereira da Silva. A confirmação dessas famílias escravocratas dá-se tanto no período citado, de escravidão, quanto à posteriori, quando vários casamentos continuam sendo referenciados como do “fulano de tal, ex-escravo do senhor tal; que foi escravo do Senhor tal”. (SILVA, 2000, p. 164-188). É possível considerar que a naturalização dessas relações tornou de igual modo natural, o racismo, o preconceito e a discriminação racial na cidade de Uberlândia.

Essas conexões racistas, desde a época da escravidão, avançam por décadas afora e são igualmente identificadas pelo historiador Luíz Carlos do Carmo em seu texto dissertativo “Função de Preto” (1940-1960). É do autor, por exemplo, a seguinte constatação: “um aspecto importante da dinâmica social, na cidade de Uberlândia da época (...), é a prática diária da discriminação racial para com a população negra local, e seus vários e complexos aspectos” (CARMO, 2000, p. 142). Nesses aspectos

intricados, existem os que envolvem a manifestação cultural e religiosa da Congada e o cotidiano social do Congado, pontos de partida que foram para pensar-se sobre a latência do racismo imbricado, incrustado, na sociedade elitista, e, de como essa permanência está enraizada quando se trata da prática cultural produzida e vivenciada em amplo alcance, pelos atores sociais negros.

Importante abrir, porém, um parêntese para demonstrar que essas permanências e latências racistas fazem parte do contexto brasileiro desde os tempos de escravidão, e solidificou-se no período pós-abolição. Vale ressaltar, a título de exemplificações, essas persistências em várias regiões e com maior ênfase, no trabalho do historiador americano Warren Dean, sobre o sistema brasileiro de grandes lavouras e escravidão no estado de São Paulo, no qual, alguns apontamentos são relevantes.

Warren Dean (1977), entende que na realidade o advento da abolição sistematizou o racismo que já era latente na sociedade escravista, que, no entanto, permanecia na obscuridade. Nesse aspecto, o que esse autor presencia no oeste paulista, Estado de São Paulo nessa época pós-abolicionismo vai ocorrer, por exemplo, em Uberlândia em pleno século XX. Vejamos seu relato sobre a segregação na cidade de Rio Claro, principalmente:

As pessoas de cor não podiam participar do footing na praça e de outros eventos sociais. Ainda que eles, tivessem sua própria irmandade, banda e clubes sociais, a exclusão por meio sub-reptícios das agremiações dos brancos só teve lugar depois da abolição e teve o efeito de bloquear-lhes o acesso às principais vias de mobilidade social. (DEAN, 1977, p. 148).

Warren Dean – faleceu em 1994 – ao que parece, é um autor quase que desconhecido no Brasil, quando se trata de historiografia da escravidão, embora sua pesquisa seja de relevância para a compreensão das relações escravistas na região de Rio Claro e outros municípios adjacentes. Bastante citado em relação aos seus estudos com ecologia e meio ambiente, é, contudo, um autor ausente nas discussões sobre temáticas raciais. Esse ocultamento deve-se em grande parte, é possível afirmar, tanto pela sua posição crítica a respeito das elites tradicionais, como em outra vertente política, por ter sido um contumaz crítico da ditadura militar e conseqüentemente do apoio estadunidense a esse autoritarismo brasileiro, quando o autor esteve em pesquisa de campo, no Estado de São Paulo, na década de 1960.

Faz-se, necessário recuperar um pouco desse processo histórico, no sentido de perceber o quanto essas questões raciais do passado continuam atuantes no presente, de tal modo que a história necessita “ser reescrita a cada geração, porque embora o passado não muda, o presente se modifica; cada geração formula novas perguntas ao passado e encontra novas áreas de simpatia à medida que revive distintos aspectos das experiências de suas predecessoras” (HILL, 1987, p. 32).

Esse é um pressuposto que coaduna com as interlocuções voltadas para a necessidade imperiosa de reconstituir determinados cenários de um passado recente, e com isso, trazer a lume, a permanência racista que percorre grande parte desse texto, para cujo entendimento é importante, um retorno a outros autores que em diferentes

temporalidades, reconheceram a existência das discriminações raciais na cidade de Uberlândia, não com o foco específico a partir da manifestação cultural e religiosa da Congada.

É a Congada que faz reviver na elite uberlandense, a herdeira da elite uberabinhense, o racismo, que por vezes fica adormecido durante uma parte do ano, mas, que ressurge com toda força, internalizada por meio de diferentes modos de agir, por meio de atitudes que só aqueles que sofrem constantemente podem dizer, pois, o simples fato de não vir a público, não significa a sua inexistência, mesmo porque, os discriminadores atuais, também criam suas táticas, mantendo-se nas invisibilidades, quer seja das redes sociais, ou de argumentações preconceituosas, sem a possibilidade de registros diretos dessas fontes racistas. Contudo, compreende-se que o historiador de ofício, que lida com essas complexidades, precisa estar atento a essas novas dinâmicas de ler o mundo à sua volta.

Dito isso, aponta-se para outros dois marcos que se entrecruzam em temporalidades distintas, sob o olhar atento de duas pesquisadoras, sendo, Marlyse Meyer na década de 1980 e Izis Mueller no ano de 2017. Ambas, anotaram as suas impressões sobre a festa da Congada de Uberlândia, e, embora distantes temporariamente, a invisibilidade, a presença negra no centro da cidade, o racismo, o preconceito, são perceptíveis em suas análises. Marlyse Meyer confessa de modo autoral o seguinte:

Encontrei-me lá por acaso, ou seja, convidada para dar um curso na universidade [UFU]. No dia da minha chegada, ao entrar no hotel, vi congueiros passando; obviamente acompanhantes e pude assistir à festa toda. Foram dias estonteantes, entre os cursos e atrás dos ternos, acompanhando-os pelas ruas. Fazendo amizade, participando das refeições nos quartéis, olhando-os na praça. As perambulações pela cidade oferecem bom exemplo do modo como se apropriam do espaço. (MEYER, 2004, p. 404).

É possível que esse primeiro encontro tenha despertado na professora palestrante àquela época – finais da década de 1980 – um encontro cultural inusitado, interessante, que desejou compartilhar por meio de texto, por isso, estar registrada nessa primeira citação, a publicação sobre o impacto que a festa da Congada de Uberlândia causou em si, naquele elementar instante. Não contente com a festividade em si, a professora resolve ir além e conhecer um pouco mais dos meandros e nuances da manifestação, e ao que parece, surpreendida, faz a seguinte observação, sobre o choque cultural presenciado: “paradoxal invisibilidade da festa para o conjunto dos habitantes dessa mesma cidade (...), de modo geral a festa é ignorada pelo conjunto branco da população, porque como me disse um congueiro, - o pessoal despreza a gente porque é coisa de negro, é coisa de senzala” (MEYER, loc. cit.).

O que a pesquisadora apontava naquele momento, é o que parte expressiva da população negra vivencia em seu cotidiano e fortemente nos tempos de festejos no

centro da cidade. A sua invisibilidade recorrente tem a ver com a marca da presença racista e de um passado que, talvez, lembre a essa elite preconceituosa a sua própria história escravista

Para a autora, se todo esse fazer cultural negro se passa “na verdade como se a Congada de São Benedito e do Rosário fosse manifestação religiosa-festiva que confirma a exclusão de seus autores negros” (MEYER, loc. cit.), é salutar trazer nessas considerações finais, a experiência etnográfica da historiadora Izis Mueller, no sentido de pensar-se como dois discursos produzidos em um hiato de três décadas, aparentam semelhanças surpreendentes, ao tratar do mesmo tema; a festa da Congada e a religiosidade negra no centro da cidade de Uberlândia. Veja-se inicialmente, as impressões de Izis Mueller (2017) sobre o seu primeiro encontro com essa festividade e o choque cultural vivenciado, por ter a possibilidade de presenciar dois eventos acontecendo no mesmo dia.

Partilho algumas reflexões desenvolvidas através da observação e análise da Festa da Congada de Uberlândia no ano de 2017, partindo da observação atenta da Festa e de seus elementos, dos modos como ocupou o espaço público, bem como de algumas manifestações de opiniões contrárias à sua existência (...). Artista Cênica e historiadora, recém-chegada ao município, estava curiosa quanto à manifestação (...). Saindo da casa em que moro, no bairro Aparecida, em direção à praça do Rosário, cruzei a Sérgio Pacheco, a maior praça de Uberlândia, onde estava acontecendo parte da programação do Festival Timbre de Música. A Sérgio Pacheco estava lotada, parecia um mar branco, de tanta gente. Segui minha caminhada e à medida que ia me aproximando da praça do Rosário a paisagem se alterava, de repente era a presença da população negra que predominava. Pareceu-me que estava em outra cidade. (MUELLER, 2017, P. 59).

O estranhamento que acontece com Izis Mueller, ao deparar-se com duas festas em que corpos negros e brancos encontram-se espacialmente separados, é consequência de duas cidades que não se abraçam, pois, é centenária a festa da Congada, e, mesmo assim, marca-se outro evento com grande chamamento público, para o mesmo dia e mesmo horário, entretanto, causou impacto ao olhar da historiadora, por essa ser de fora, estrangeira, e talvez não compreender a dinâmica e funcionamento social da cidade; (e por sua sensibilidade política), daí porque consegue perceber uma cidade branca e uma cidade negra, ocupando lugares públicos diferenciados. Quando os Congadeiros (as) e seus acompanhantes tomam o centro da cidade, o cenário frio de cimento e de asfalto modifica-se, ao mesmo tempo em que olhares surpresos despertam para uma realidade que permanece oculta, a de que existe uma população negra na cidade.

A visualidade do centro da cidade ficou explicitamente alterada, pareceu-me que de uma hora para a outra a população havia sido

trocada. A presença de tantos negros e negras vaidosos de si, provocou em mim uma sensação de conforto, uma identificação estética, uma sensação de pertencimento. Com a Congada pude finalmente ver aqui nas terras mineiras outras belezas, outras cores, outros modos de vestir, de arrumar os cabelos, de dançar, distintos da estética hegemônica padrão. Durante o restante do ano, onde ficam escondidos tantos negros e negras? Na periferia? Nos postos de trabalho? No interior das casas? (MUELLER, 2017, P. 65).

As perguntas de Izis Mueller são podem ser interpretadas não como hipóteses, e sim, como elementos de uma prática social. Os Congadeiros (as) estão na cidade e vivenciam práticas cotidianas de racismo em todos os lugares, essa é a razão pela qual se defende que a Congada e o Congado são elementos possibilitadores para se conhecer a permanência racista e seus modos discriminatórios e preconceituosos, tão antigos quanto a chegada dos primeiros fazendeiros escravistas, tidos oficialmente como sendo os fundadores da cidade.

Considerações finais

É difícil falar em conclusão de um trabalho a envolver tradição, história, memória, identidades e cultura, elementos esses que estão em constante movimento, porém, por dever de ofício, alguns dados concernentes a esse contexto são possíveis de serem documentados de modo conclusivo. Em um primeiro instante é preciso considerar que a cidade de Uberlândia guarda historicamente um passado racista que o tempo todo parece suscitar sua presença. Quer-se com isso dizer, que há em relação à festa da Congada e ao Congado, um passado não resolvido, uma presença racista que pressiona o presente e cada vez que esse passado é acessado, novas possibilidades de interpretações vão surgindo, a desvelar o que há tempos permanecia silenciado.

Procurar invisibilizar aquilo que assusta, desconforta talvez seja uma estratégia de defesa, a Congada quebra o ritmo, altera o fluxo natural das coisas, por isso, essa presença, ainda que rapidamente temporária, incomoda muita gente. De um lado, se parece vigorar uma prática de ocultação por meio de dinâmicas isolacionistas e até mesmo desestímulo real de apoio do poder público à manifestação, de outro, há um fortalecimento dos sentidos de memórias, uma presença cada vez mais ativa dos relações intergeracionais das tradições e a constituição das táticas de sobrevivências culturais cotidianas.

A festa da Congada e o Congado são práticas afro-brasileiras, é presença negra, é vida cotidiana que suscita em elementos racistas, muitos das elites da cidade, o racismo permeado de preconceitos que são historicamente atualizados e assumem diversas representações. Em consequência disso, procurou-se construir nesse trabalho, uma abordagem que possibilitasse o aprofundamento dessas questões e primordialmente, da permanência racista como objeto de enfrentamento, sobretudo a partir de um olhar historiográfico.

Na realidade, trata-se de uma temática difícil de ser problematizada na cidade, tendo em vista que existe uma forma de silenciamento, uma negação de que aqui também houve escravidão, houve escravizados e houve famílias tradicionais escravocratas, o cerne de uma presença e permanência racista que perdura até no século XXI. Essas considerações, não são significados de término, e sim de um contínuo histórico, de um processo cultural capaz de resistir ao racismo que perdura cada dia mais atualizado, de acordo com as temporalidades.

Bibliografia

BURKE, Peter. História como memória social. BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, 264.

CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964; 11ª edição, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARMO, Luiz Carlos do. *Função de preto*: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica - PUC/São Paulo, 2000, p. 142.

DEAN, Warren. *Rio Claro*: um sistema brasileiro de lavoura. 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 [1976], p. 148.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força*: história, retórica, prova. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. *Sinais*: Raízes de um paradigma indiciário. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça*: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. - 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014, pág. 153.

MEYER, Marlyse. Neste Mês do Rosário: indagações sobre congos e congadas. *Festas, ritos, celebrações*. Projeto História: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n° 28, jan-jun/04. São Paulo: EDUC, 2004, p. 404.

MUELLER, Izis Guimarães. A Congada resiste. Reflexões sobre a Festa da Congada na cidade de Uberlândia-MG. *Anais do V Seminário Internacional do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais: XX anos do Curso de Ciências Sociais-UFU*. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017, p. 59.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 257.

SANTOS, Vanilda Honória dos. *Uberlândia no roteiro da reparação histórica da escravidão*: a Praça do Rosário como lugar de memória. *Anais do V Seminário Internacional do Programa de Pós Graduação*

em Ciências Sociais: XX anos do Curso de Ciências Sociais-UFU. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2017, p. 115.

SILVA, Antonio Pereira da. *As histórias de Uberlândia*. Vol. 1. Uberlândia: S.Ed., p. 164-188.